



## A aula de campo como ferramenta de investigação do lugar no ensino de Geografia

Tiago Gomes dos Santos<sup>(1)</sup>; Lindinalva Miguel da Silva<sup>(2)</sup>;  
Angela Maria Araújo Leite<sup>(3)</sup>

Página | 421

<sup>(1)</sup>Graduando de licenciatura Plena em Geografia; Universidade Estadual de Alagoas; Coité do Nóia, Alagoas; contato.c@outlook.com;

<sup>(2)</sup>Professora de Sociologia do Ensino Médio; estudante do Curso de Geografia/UNEAL e bolsista do PIBID (Programa de Iniciação a Docência) Arapiraca; lindinalva\_miguel@hotmail.com;

<sup>(3)</sup>Professora do Curso de licenciatura Plena em Geografia; Universidade Estadual de Alagoas; angeleite@bol.com.br.

**RESUMO:** O lugar é uma categoria da geografia que ainda é objeto de discussão entre geógrafos e acadêmicos. O ensino dessa categoria nas escolas públicas é essencial para a valorização social do espaço de convívio dos alunos. Objetivou-se com este trabalho mostrar o uso da aula de campo na discussão de fenômenos naturais e sociais no local de convivência dos alunos do Ensino Fundamental, ao mesmo tempo em que trabalha a importância do lugar, relacionando o conteúdo teórico da sala de aula com o cotidiano prático. A metodologia utilizada foi baseada em uma pesquisa-ação, observação *in loco* e análise de uma atividade escolar com uma turma de nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Doutor José Tavares, localizada no bairro Baixa Grande na cidade de Arapiraca/AL. A fundamentação teórica foi realizada nas obras de Santos (2008); Medeiros (2010); Cavalcanti (2008); Oliveira e Assis (2009). Durante a aula de campo observou-se que os alunos participaram ativamente das discussões realizadas ao longo dos três pontos de parada do percurso. Além disso, eles elaboraram um mapa mental mostrando os elementos das paisagens observadas que mais chamaram a atenção. Contudo, os alunos participaram ativamente das discussões na aula de campo, pois o conhecimento que eles adquiriram na própria comunidade foi utilizado como ponto de partida dos fenômenos sociais e naturais abordados. Ao mesmo tempo, foi possível relacionar o conteúdo teórico da sala de aula com a realidade prática dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** metodologia, conhecimento geográfico, Arapiraca.

**ABSTRACT:** The place is a geography category that is still the subject of discussion between geographers and academics. The teaching that class in public schools is essential for the social value of the space I live students. The purpose of this work is to show the use of class field in the discussion of natural and social phenomena in place of coexistence of elementary school students, while working the importance of place, linking the theoretical content of the classroom with practical everyday. The methodology used was based on an action research, *in loco* observation and analysis of a school activity with a class of 9th grade of elementary school of the State School Dr. José Tavares located in Baixa Grande neighborhood in the city of Arapiraca/AL. The theoretical foundation was held in the works of Santos (2008); Medeiros (2010); Cavalcanti (2008); Oliveira and Assis (2009). During the field class it was observed that the students actively participated in the discussions over the three way stop points. In addition, they have developed a mind map showing the elements of the observed landscapes that attracted the most attention. However, students actively participated in the discussions in class field because the knowledge they acquired in the community was used as the starting point of social and natural phenomena addressed. At the same time, it was possible to relate the theoretical content of the classroom to the practical reality of students.

**KEYWORD:** methodology, Geographic knowledge, Arapiraca.

## INTRODUÇÃO

Para Santos (2002, p. 313) “os lugares podem ser vistos como um intermédio entre o Mundo e o Indivíduo”. Nesse sentido, os lugares não apresentam apenas fenômenos locais, mais também são resultados daqueles de escalas mais amplas, tais como regionais e globais. Dessa forma, o lugar abrange a porção espacial de afetividade e convivência, na qual, os indivíduos interagem com fenômenos locais, regionais e globais.

Página | 422

Segundo Medeiros (2010, p. 39) “o lugar, no sentido humanista, apresenta-se como uma paisagem cultural que carrega as experiências da sociedade que o produziram e pela qual carregam sentimentos de identidade, pertencimento, afetividade e significados estabelecidos entre o sujeito e o espaço”. Dessa forma, a discussão dos fenômenos sociais e naturais que atuam sobre o lugar de convivência dos alunos é essencial para a valorização desse espaço no sentido de identidade, pertencimento e afetividade. Essa discussão ainda contribui para a formação de cidadãos críticos, aptos a encontrarem as melhores soluções para os problemas naturais e sociais de seu entorno, como mostra Cavalcanti (2008, p. 81) ao apresentar que:

O ensino de geografia contribui para a formação da cidadania por meio da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada com espaço aberto e vivo de culturas.

De acordo com Medeiros (2010, p. 39) “a perspectiva crítica apresenta o lugar muito além de suas dimensões físicas e materiais, pois ele se apresenta tal qual as relações sociais de produção que interferem diretamente na composição de suas formas e conteúdos [...]”. Assim, o lugar é resultado das relações sociais que os indivíduos estabelecem com o espaço, sejam essas relações de convívio, pertencimento ou utilização social e/ou econômica.

Nesse sentido, a geografia deve pensar a organização espacial, refletindo sobre os fenômenos sociais e ambientais, especialmente, aqueles que acontecem no entorno no qual os alunos vivem, transitam e estudam. Dessa forma, os alunos devem ser preparados para encontrarem as melhores soluções coletivas para os problemas sociais e naturais presentes em sua localidade.

Nesse sentido, a aula de campo é um recurso pedagógico que possibilita a observação e a discussão dos fenômenos sociais e naturais diretamente no local em que eles ocorrem. Quando esse recurso pedagógico é utilizado na mesma área de convivência

dos alunos, possibilita que o conhecimento já obtido por eles sejam valorizados e utilizados numa discussão voltada para pensar as melhores formas de construção de um espaço melhor para a população local. Além disso, a aula de campo ainda possibilita uma relação entre os conteúdos teóricos discutidos em sala de aula com o cotidiano prático dos alunos, como mostra Oliveira e Assis (2009, p. 154) ao afirmar que:

[...] a aula de campo pode despertar os alunos do sono/descontrole eterno da sala de aula fatigante, simplória, decoreba e ainda longe de estar conectada com a realidade, a não ser pela fantasia. Essa compreensão que fazemos sobre a Aula de Campo está armada pela certeza de entendermos o espaço/espacialidades como formas em movimento que são carregadas de potenciais pedagógicos que podem (devem) elucidados ao estudante pela escola, e aqui nos referimos a geografia [...].

Nesse sentido, a aula de campo possibilita a ativa participação dos alunos nas discussões dos conteúdos geográficos, pois retira o aluno do ambiente de sala de aula para um ambiente na qual se manifestam os fenômenos discutidos nas aulas de Geografia.

Porém, a aula de campo deve discutir na prática conteúdos já trabalhados em sala de aula. Nesse sentido ela deve vincular de forma mais concreta os conteúdos geográficos com a realidade prática dos alunos, como mostra Silva (2006, *apud* OLIVEIRA e ASSIS, 2009, p. 156) ao afirmar que:

A aula de[em] campo deve vir a complementar os conteúdos tratados em sala de aula, motiva ela o aprendizado, aprofundando o interesse pela pesquisa e favorecendo maior relacionamento entre alunos e professores, entre a escola e a realidade em estudo. Além disso, propicia avaliar a participação do aluno na leitura da realidade desenvolvendo o senso crítico, responsabilidades e consciência do mundo em que vivem.

Dessa forma, a aula de campo juntamente com outros recursos pedagógicos possibilita a construção de cidadãos críticos e aptos a pensarem os fenômenos naturais e sociais que ocorrem em seu lugar de afetividade e pertencimento.

Objetivou-se com este trabalho mostrar o uso da aula de campo na discussão de fenômenos naturais e sociais no local de convivência dos alunos do Ensino Fundamental, ao mesmo tempo em que trabalha a importância do lugar, relacionando o conteúdo teórico da sala de aula com o cotidiano prático.

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada foi baseada em uma pesquisa-ação, observação *in loco* e análise de uma atividade escolar com uma turma de nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Doutor José Tavares, localizada no bairro Baixa Grande na cidade de Arapiraca/AL. A fundamentação teórica foi realizada nas obras de Santos (2008); Medeiros (2010); Cavalcanti (2008); Oliveira e Assis (2009).

Página | 424

A pesquisa na escola foi realizada por meio do Programa de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), presente na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) através do subprojeto do Curso de Licenciatura Plena em Geografia “Alfabetização Cartográfica: um olhar a partir do espaço alagoano no ensino de Geografia do Ensino Fundamental e Médio”. O PIBID busca a valorização e o aperfeiçoamento do professor para a educação básica através da inserção dos estudantes de licenciatura no contexto das escolas públicas durante a sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

Inicialmente foram realizadas algumas observações em sala de aula referentes a aprendizagem dos alunos por meio das atividades do PIBID. No Geral, essas observações estão sendo realizadas uma vez por semana desde o início do ano letivo. Em 19 de julho de 2016 foi realizado um percurso prévio no local da aula de campo para o reconhecimento do local e levantamento das informações essenciais para a realização dessa atividade.

Durante o percurso prévio foram observados os elementos das paisagens que melhor correspondiam aos conteúdos didáticos que os alunos já haviam estudado no nono ano, na qual, foram planejados três pontos de paradas, conforme o mapa da figura 01. Além dos elementos visuais da paisagem, também foi levado em consideração a segurança do percurso em termos de trânsito e da disponibilidade de calçadas que permitam a segura circulação dos alunos.

Ao longo do percurso foi realizada uma visita a uma líder comunitária local, conhecida como Maria das Neves, ela narrou a história da comunidade e suas principais tradições culturais, possibilitando um trabalho mais amplo da importância do lugar no desenvolvimento dos alunos da escola. Essa discussão é ainda mais importante devido ao fato de que parte dos alunos da escola mora próximo do local do percurso.

A partir das informações obtidas foi realizado um mapa da aula de campo, conforme a figura 01, contendo o percurso total e os pontos de paradas. No dia 29 de

julho de 2016 a aula de campo foi realizada com o apoio de alguns bolsistas do PIBID/UNEAL /Geografia, da professora de Geografia da Escola e, contou com a participação especial da líder comunitária Maria das Neves, conforme mostram as imagens da figura 01.



**Figura 01:** mapa da aula de campo à esquerda e alunos da Escola Estadual Dr. José Tavares realizando o percurso à direita. **Fonte:** Google Earth e Lindinalva Miguel da Silva, 2016.

No dia do percurso, inicialmente foram passadas algumas instruções aos alunos e em seguida o percurso foi realizado com duração aproximada de duas horas. Além das discussões dos fenômenos naturais e sociais observados na paisagem nos pontos de parada, a interpretação e uso de mapas também foi trabalhado durante a aula de campo. Para tanto, a turma foi dividida em dez equipes e cada uma delas ficou responsável por guiar todo o restante da turma em uma parte do percurso. Cada equipe recebeu uma cópia do mapa disponível na figura 01 e um número ordinal de um a dez, na qual, indicava a parte do percurso que a equipe ficou responsável. A representação do percurso no mapa está dividida em números e linhas vermelhas, a letra “E” indica o ponto inicial e final da aula de campo, ou seja, a Escola. Os números indicam os pontos de parada e as linhas indicam os locais exatos onde a equipe que está guiando a turma deve passar sua função para a próxima equipe. Em geral, a troca de equipes era feita tanto nos locais indicados pelas linhas como nos locais dos pontos de parada.

No primeiro ponto de parada, representado no mapa da figura 01 pelo ponto número 1, foi possível observar um terreno baldio em meio a uma área urbana e em

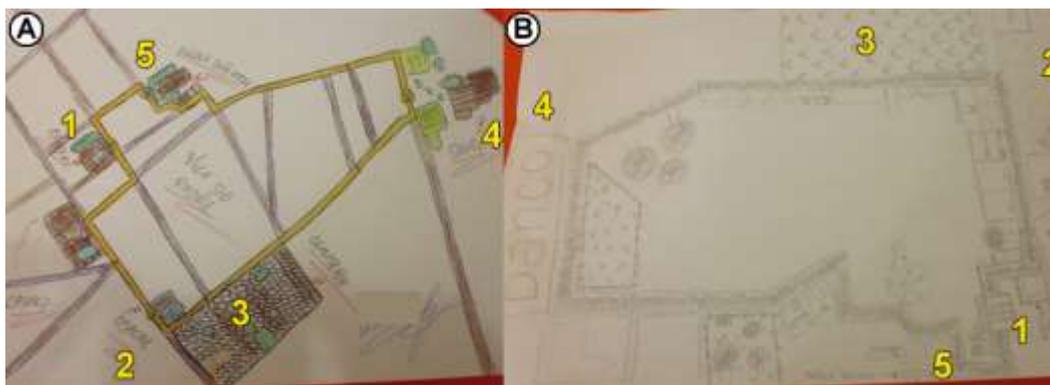
frente a uma das principais avenidas da cidade, composta de importantes equipamentos urbanos. Esse ponto possibilitou uma discussão sobre a especulação imobiliária e a descentralização dos equipamentos urbanos da cidade. No segundo ponto de parada, representado no mapa pelo número 2, foi possível observar um antigo salão de fumo que atualmente é usado como depósito de mercadorias da Danco para abastecer o comércio varejista. Ainda no segundo ponto de parada também foi possível discutir sobre a desigualdade social entre as casas mais afastadas daquela avenida das que estavam nela, na qual, nessa segunda permanece o domínio de casas de luxos e depósitos empresariais. O terceiro ponto de parada foi em uma antiga comunidade, na qual, reside parte dos alunos da aula de campo. Nesse local foi realizada uma breve discussão sobre a importância de buscar o desenvolvimento social do lugar, além de um breve histórico do local com a participação da líder comunitária Maria Neves de Lima, mais conhecida como Dona Neves, conforme mostra as imagens da figura 01.

Após a realização da aula de campo os alunos elaboraram um mapa mental para ser entregue até o dia 08 de julho de 2016 com os principais elementos da paisagem que eles haviam observados ao decorrer do percurso. A partir do qual foi realizada uma comparação entre as falas dos alunos durante os pontos de parada e os elementos colocados no mapa metal.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a aula de campo observou-se que os alunos participaram ativamente das discussões realizadas ao longo dos três pontos de parada do percurso. Além disso, os alunos elaboraram um mapa mental mostrando os elementos das paisagens observadas que mais chamaram a atenção deles, na qual, foram colocados vários dos elementos discutidos ao longo da aula de campo.

A figura 02 mostra dois mapas mentais elaborados pelos alunos da Escola Dr. José Tavares após a realização da aula de campo, na qual, a escola é indicada pelo ponto 1. O ponto 2 indica o terreno baldio em frente ao cemitério na qual foi realizada a discussão sobre a especulação imobiliária. Esse terreno encontra-se mais bem destacado no mapa “B”.



**Figura 02:** mapas mentais elaborados pelos estudantes da Escola Estadual Dr. José Tavares após a realização da aula de campo. **Fonte:** Lindinalva Miguel da Silva, 2016.

O cemitério e o depósito da Danco, indicados respectivamente pelos pontos 3 e 4 da figura acima, foram destacados em ambos os mapas. Além desses equipamentos urbanos se destacarem na paisagem local, eles possuem uma aproximação mais direta com parte dos estudantes. Nas discussões realizadas ao longo da aula de campo, a maior parte dos estudantes afirmaram que tinham conhecimento de algum parente enterrado no cemitério em estudo. Além disso, três estudantes afirmaram ter conhecimento de parentes que trabalharam nos curais de fumo onde atualmente se localiza o depósito da Danco.

O ponto 5 da figura 02 indica o local na qual foi realizada uma breve discussão sobre a importância do lugar, foi indicado pelo mapa “A” por uma escola de Ensino Fundamental I presente no local e pelo mapa “B” foi indicado pelo nome da comunidade local, chamada de Vila São Francisco. Segundo Lima (2008):

A Vila São Francisco do Bairro Baixa Grande de Arapiraca/AL, conhecida também como Vila do Padre, foi idealizada pelo Bispo Dom Constantino Lüers da Diocese de Penedo/AL. Em 1978, Dom Constantino, sensibilizado em ver que algumas famílias não tinham onde morar, despertou nele a convicção que precisava fazer algo por aquela gente. Sua ideia era ajudar tais famílias, oferecendo-lhes moradias gratuitas durante certo período de tempo, procurando paralelamente orientá-las, no sentido de economizarem dinheiro, a fim de que elas mesmas adquiram mais tarde suas próprias casas.

Então, Dom Constantino visitou sua terra natal, a cidade de Langförden na Alemanha, onde comentou com seus amigos e parentes sobre a obra que gostaria de realizar no Brasil. Para sua surpresa, seus familiares e amigos, incluindo o casal Maria e José Bergmann, contribuíram espontaneamente com dinheiro para que ele desse início ao projeto.

Em 1980, Dom Constantino procurou o Padre Américo Henrique Santos da Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho em Arapiraca/AL e o prefeito da cidade, para expor a ideia de fundar nesse município uma Vila São Francisco. A Fundação João XXIII, entidade criada pelo Padre Américo Henrique com a finalidade de promover o ser humano, doou o terreno para a construção das casas da vila na periferia da zona urbana. Inicialmente, a vila foi construída

afastada da cidade, mas com o avanço da mancha urbana de Arapiraca, hoje se encontra dentro de um bairro.

Vários moradores de Arapiraca se mobilizaram em mutirão para a construção das casas da vila. Em 1981, a Vila São Francisco foi inaugurada e atualmente conta com mais de 150 casas. O uso das casas é passado para as famílias carentes por meio de rodízio, seguindo a ordem de inscrição numa lista administrada pela líder comunitária.

Atualmente, a Vila São Francisco conta com uma escola de Ensino Fundamental I, denominada de João XXIII, uma creche, chamada de Centro de Educação Infantil Maria Bergmann, uma capela, denominada de São Francisco, um espaço de lazer e 150 famílias distribuídas nas casas da vila.

## CONCLUSÃO

Os alunos participaram ativamente das atividades da aula de campo, pois o conhecimento que eles adquiriram na própria comunidade foi utilizado como ponto de partida para as discussões dos fenômenos sociais e naturais abordados. Ao mesmo tempo, foi possível relacionar o conteúdo teórico da sala de aula com a realidade prática dos alunos, através da observação e da discussão dos conteúdos diretamente no espaço em que se manifestam, sendo possível, discutir a importância de buscar o desenvolvimento do lugar que eles convivem.

## REFERÊNCIAS

1. CAVALCANTI, Lana De Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** Campinas/SP: Papirus, 2008.
2. MEDEIROS, Paulo César. **Fundamentos teóricos e práticos do ensino da geografia.** 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.
3. OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. In: OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Sentidos da Geografia escolar.** Fortaleza: Edições UFC, 2009.
4. LIMA, Maria das Neves. **Vila São Francisco.** Arapiraca: [S.n.], 2008. Documentário escrito.
5. SANTOS, Milton. **Natureza e Espaço.** 4. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2002.